



a esfera pública do design

Diferentemente do que acontece em outros países, design ainda não é assunto habitual da imprensa não especializada brasileira. Comparada com a de outras linguagens da cultura – como música, cinema, teatro e dança –, a visibilidade dada ao design é pequena e restrita aos cadernos de decoração. Raramente chega às seções de economia, mesmo sendo ele tão importante na indução do desenvolvimento de um país e no desempenho específico das empresas. O resultado é que o público em geral ainda confunde design com trocar o sofá da sala, desconhecendo potenciais da atividade. Uma ou outra iniciativa quebram esse marasmo, como a bem-sucedida série de cinco episódios que o designer Guto Requena elaborou em agosto com o tema Design Hoje, e que passou na hora do trailer em 110 salas de cinema. Todo esse prólogo serve para contextualizar o tema da coluna deste mês, que é o papel que o design pode ter na melhoria do uso dos espaços de acesso público, em complementação a bons projetos de arquitetura.

Fui nesses dias a uma unidade do Poupatemp em São Paulo para renovar a carteira de habilitação. Mesmo que tentasse, teria sido impossível me perder entre os vários guichês em que o cidadão paulista vai para regularizar seus documentos ou resolver pendências burocráticas. A sinalização das várias “repartições” por meio de trilhas de diferentes cores era tão bem-feita que, mesmo com o espaço quase lotado, os fluxos seguiam de maneira azeitada e tranquila. Não vi ninguém perdido, o que me pareceu quase um milagre!

A arquitetura bem-feita não basta. A “casca” do edifício precisa ser complementada com projetos de identidade visual, sinalização e interiores, pois a relação das pessoas com os edifícios se dá não com o seu invólucro, mas dentro dos espaços. Outro lugar popular ao qual fui recentemente, com alegria, foi a Biblioteca Parque Estadual, na vizinhança da estação de trem Central do Brasil, no Rio de Janeiro. O projeto do escritório Tecnopop ajudou, e muito, na criação de uma biblioteca moderna, dinâmica, participativa e inclusiva. De novo, ninguém se perde. As cores e formas da sinalização contribuem para criar um espaço que facilita a livre circulação e em momento nenhum afastam o usuário das salas de consulta e leitura e das plataformas multimídia.

Outro exemplo do Rio é o Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais (Gente), na Escola Municipal André Urani, na Rocinha.

O projeto do Grupo do Rio resultou em uma escola “criativa, ativa, emocionante, alegre, estimulante e transformadora”, nas palavras de Jair de Souza, que liderou a equipe de design. Segundo ele, o projeto “potencializou os princípios pedagógicos propostos pela Secretaria Municipal de Educação de autonomia, informalidade, construção, desconstrução, jogo, brincadeira, multiplicidade de soluções, individualização, criatividade, energia, espontaneidade e atitude colaborativa”. As ações englobaram o redesenho completo do interior da escola. Derrubaram-se paredes para transformar dez salas de aula em três grandes espaços, sem divisão por faixa etária. O mobiliário ganhou versatilidade para proporcionar aos alunos a possibilidade de montar os espaços de centenas de maneiras. A identidade visual foi construída a partir de fotos dos próprios alunos e trabalhadas graficamente, servindo como a base de toda a identidade do Gente.

O último exemplo vem do Sesc São Paulo, na minha opinião a instituição pública que melhor incorpora o design, e de forma sistemática. O vínculo vem desde a década de 1970, quando Lina Bo Bardi foi além do projeto de arquitetura na unidade da Pompeia para criar todos os detalhes dos interiores da edificação. Essa conexão se ampliou à medida que as unidades foram recebendo peças criadas por nomes do primeiro time do design brasileiro. Mas a atuação do Sesc paulista na área do design vai bem além dos móveis e luminárias para englobar do design da comida que é oferecida em suas “comedorias” – projeto liderado por Simone Mattar – aos uniformes de seus servidores, por Sonia Kiss, resultando em áreas que convidam as pessoas ao convívio e ao desfrute das atividades culturais ali oferecidas.

E o que esses casos têm a ver com o começo deste texto? Penso que, por falta de informação e formação, gestores do governo, de instituições mistas e empresários privados ainda não compreenderam a extensão do potencial do design para melhorar o uso dos espaços de acesso amplo à população. As políticas públicas de incentivo ao design em nosso país são incipientes e amadoras, e no atual governo federal chegaram a níveis claudicantes. Se as ações de informação e formação geral sobre design não melhorarem, os exemplos virtuosos aqui apresentados continuarão sendo apenas a exceção que confirma a regra.

Adélia Borges é crítica e curadora especializada em design.

‘arquitetura bem-feita não basta. a casca do edifício precisa de projetos adicionais de identidade visual, sinalização e interiores, pois a relação das pessoas com ele se dá dentro dos espaços’